

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)27 mar 2017 | O Globo | ANA LUCIA AZEVEDO ala@oglobo.com.br

Mosquitos de sobra, casas e cachoeiras vazias

Na região de Casimiro de Abreu em que foram registrados casos de febre amarela, moradores acreditam que doença pode ter chegado com visitantes

Nos dias de sol, a Cachoeira do Pai João costuma lotar de turistas e moradores de Casimiro de Abreu. Neste último fim de semana não foi assim. O céu ficou azul, mas a cachoeira, na localidade de Córrego da Luz, está interditada desde terça-feira. Um emaranhado de fitas lacra o acesso, e um aviso da Defesa Civil explica o motivo: está fechada devido ao excesso de lixo e à quantidade de visitantes de outros estados e municípios. "Esta localidade oferece risco alto e iminente de contaminação da (sic) febre amarela", diz o alerta. Por lá, agora, sobram apenas os mosquitos.



Interdição. Trilha da Cachoeira do Pai João foi fechada pela Defesa Civil

A cachoeira é próxima às casas das cinco pessoas que tiveram a doença no Estado do Rio. Era lá que Watila Santos, de 38 anos, costumava levar turistas que queriam conhecer as trilhas da região. No último dia 11 de março, ele morreu, vítima da febre amarela.

Vizinhos contam que, dias antes de passar mal, Watila, pedreiro de profissão e caçador nas horas vagas, havia recebido visitantes mineiros para o carnaval.

— Como muitos por aqui, ele também levava turistas às cachoeiras e trilhas. Fez isso no carnaval. Agora, que fomos vacinados, estamos mais sossegados. Antes, estávamos com medo porque muitos visitantes de Minas e do Espírito Santo vêm para cá. Pode ter chegado gente com o vírus. Mosquitos, temos de sobra. Macacos, também. Aqui não morreu macaco — diz o morador Orlando de Moraes.

Córrego da Luz, a aproximadamente seis quilômetros do Centro de Casimiro, fica às margens da RJ-142, conhecida como Ecoestrada Serra Mar. Longe de ser isolada, é uma área turística, asfaltada, com pousadas e bares à beira da estrada, que serpenteia ao longo do Rio Macaé. Até chegar a Nova Friburgo, a Serra Mar passa por Sana e Lumiar. Era próximo a ela que Watila e os outros infectados moravam.

— A hipótese mais provável é que o vírus tenha sido levado para lá por visitantes não vacinados que saíram de áreas de surto. Estudos já mostraram que o ser humano é uma das duas vias de introdução do vírus em novas áreas. A outra, o tráfico de animais, não faz o menor sentido ali. É uma região onde sobram macacos — afirma o presidente da Sociedade Brasileira de Virologia, Maurício Lacerda Nogueira, alertando para o risco de urbanização da febre amarela silvestre. VIGILÂNCIA MÁXIMA No terreno da casa do pedreiro e de outros integrantes de sua família, o movimento agora é de funcionários de serviços de vigilância sanitária estaduais e federais. A família foi tirada do lugar. Casas vizinhas também foram deixadas às pressas, algumas com luzes acesas e roupas penduradas nos varais.

Enquanto isso, agentes e pesquisadores trabalham todos os dias na captura de mosquitos. Eles também checam se há morte de macacos.

— Tem muito Sabethes e Haemagogus, os transmissores da febre amarela. É só ficar parado que eles vêm picar. Nosso trabalho é capturar insetos para identificar a espécie e enviá-los para análise, que indicará se estão infectados — explica José Luis da Silva, gerente de Entomologia do Laboratório Central de Saúde Pública do Rio de Janeiro Noel Nutels.

A alta infestação de mosquitos assombra Alessandro Valença Couto, de 37 anos. Ele foi um dos primeiros casos confirmados de febre amarela em Córrego da Luz. Internado no Rio, teve alta na semana passada. De volta para casa, manifestou preocupação com a mulher, Luciana, grávida de oito meses:

— Ainda não me sinto bem, mas não é com a minha saúde que estou preocupado. Por estar grávida, minha mulher não pode ser vacinada. A médica mandou Luciana passar um repelente que é muito caro. É uma situação de desamparo.

Luciana não pode se vacinar, mas campanhas de emergência imunizaram moradores de Córrego da Luz e áreas vizinhas. Turistas, porém, ficaram de fora.

Atraída pelos carros de serviços de saúde parados à beira da estrada, na porta da casa de Watila, uma jovem mochileira desce correndo do caminhão no qual viajava de carona.

— Vocês vacinam aqui? Posso tomar vacina? — pergunta aos funcionários da vigilância sanitária.

Informada que ali não funcionava um posto, ela sobe no caminhão e vai embora, sem saber onde se imunizar.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1,877,980,4040, Intern: 800,6364,6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)

[Próxima notícia](#)